

A BANALIDADE DO MAL COMO SUBPRODUTO DA DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO – UM DIÁLOGO ENTRE ARENDT, ADORNO E HORKHEIMER

Lucas Carvalho Lima Teixeira¹

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo investigar as convergências analíticas entre as reflexões acerca da modernidade nos textos de Hannah Arendt, Theodor Adorno e Max Horkheimer. Especificamente, o recorte investigativo se aterá ao processo de formação do homem moderno, de modo a delimitar quais circunstâncias indicadas pelos frankfurtianos em sua crítica ao esclarecimento agitaram-se para edificar aquilo que Arendt chamará, em face dos acontecimentos testemunhados no julgamento de Adolf Eichmann, de banalidade do mal. Desde a transfiguração da razão em mito, do movimento de alienação humana em relação à ciência e da tomada de controle sobre o mundo pelas abstrações sistêmicas, até o paradigma do fenômeno totalitário nazista, é possível identificar categorias sob cuja dinâmica o resultado é comum para Arendt, Adorno e Horkheimer: o esfacelamento do pensar. O que está por trás dessas análises para nos permitir uma aproximação tão íntima? Que elemento nevrálgico permeia como um espectro a história do homem moderno e constitui a zona comum entre a dialética do esclarecimento e a banalidade do mal?

PALAVRAS-CHAVE: Arendt. Adorno. Horkheimer. Banalidade do Mal. (Dialética do) Esclarecimento.

Abstract: This work aims to investigate the analytical convergencies between the reflexions around modernity in Hannah Arendt, Theodor Adorno and Max Horkheimer's texts. Specifically, this study concerns the circumstances that culminated in what Arendt called banality of evil at her report on Eichmann's judgement in Jerusalem, and were indicated by frankfurtians in their critics on the clarifying as the reasons that shook up the modern men development's process. Since the transfiguration of reason into myth, the human alienation movement about the science and the general systemic abstractions, 'til the paradigm of the nazist phenomenon, it's possible to identify categories that produce the same results in Arendt, Adorno and Horkheimer: the desintegration of thought. How's the backgroud of these analysis that allow us such a close approach? What is the nevralgic element that fills the modern men's history and builds the common area between the dialectic of enlightenment and the banality of evil?

Keywords: Arendt. Adorno. Horkheimer. Banality of Evil. (Dialectic of) Enlightenment.

1. Introdução: a viravolta do projeto emancipatório do esclarecimento²

¹ Graduando em Ciências Jurídicas e Sociais pela CCHSA/PUC - Campinas.

² De saída, é pertinente ressaltar que o objetivo do presente trabalho põe ênfase no levantamento sistemático das *congruências* teórico-críticas entre Arendt e os autores frankfurtianos. Contudo, há já de se mencionar rapidamente vitais pontos de *diferenciação* entre as duas abordagens, de modo a empregá-los como um critério de leitura sobre o texto que segue e proporcionar assim maior rigor quanto ao escopo do trabalho, tarefa para a qual se mostra preciosa a análise de Lars Rensmann. Em artigo intitulado *Returning from Forced Exile: Some Observations on Theodor W. Adorno's and Hannah Arendt's Experience of Postwar Germany and Their Political Theories of Totalitarianism*, Rensmann lança luz sobre duas distinções marcantes: uma primeira, concernente ao diagnóstico do homem moderno – ponto chave deste trabalho –, onde Adorno realça a total perda da individualidade, entendida em sentido kantiano, frente ao mundo administrado interposto pela peculiaridade do capitalismo da primeira metade do século XX, isto é, o modelo de capitalismo administrado apresentado por Friedrich Pollock e tomado como objeto crítico da Escola de Frankfurt (perspectiva sócio-econômica), enquanto em Arendt há a crítica ao aprofundamento do que se passa a chamar de individualismo, éter da atomização do homem e principal característica da desabilitação do agir político no pensamento da autora (perspectiva política), o que não obsta, entretanto, a semelhança da conclusão geral dos autores de que, no mundo moderno, o que se

Diante de um mundo dominado pelo mito e pelo misticismo, o esclarecimento (*Aufklärung*) ascende como o portador da tarefa de presentear os homens com o poder da submissão absoluta acerca do todo à sua volta, um poder que, erguido sobre os cânones da razão matemática e da instrumentalidade geral do mundo, seria capaz de libertar o homem e dar-lhe a unidade epistemológica necessária para exercer o desvelamento completo do universo, garantindo a todo sujeito a capacidade de autodeterminar-se por intermédio da razão. Tal como revela o postulado baconiano da *una scientia universalis*, a infinidade de fenômenos possíveis está agora previamente submetida aos critérios da calculabilidade e da sistematização científica, sob pena de ser taxado como inverdade universal caso não preencha os requisitos racionais necessários para estar em coesão com o sistema. De saída, a ciência moderna prostra-se cega perante a moral, a ética, às tradições e tudo aquilo que não se adequa ao seu totalitarismo cognitivo, de modo que, “de antemão, o esclarecimento só reconhece como ser e acontecer o que se deixa captar pela unidade. Seu ideal é o sistema do qual se pode deduzir toda e cada coisa”³. Ao reduzir sujeitos e coisas à racionalização, o esclarecimento obstou qualquer singularidade não matemática em seu âmbito e estabeleceu a fungibilidade universal – pois apenas na esfera matemática *um* pode ser igual a *um* –, o que redundou na anulação da diversidade humana e, por conseguinte, na anulação da política.

As relações humanas e de produção no século XX são, como impescinde o sistema capitalista ocidental, estritamente racionalizadas e pautadas pela ideia da equivalência, segundo a qual para toda coisa há um equivalente abstrato que se converte em uma forma-valor para a troca, propulsora da intrincada máquina econômica. Contudo, a problemática nuclear dessa organização racionalizada reside na própria peculiaridade histórica do sistema em questão, fundada na transformação generalizada dos entes mundanos em mercadoria, onde tudo passa a conter um valor de troca, um equivalente pressuposto, inclusive o homem. Corroboram Adorno e Horkheimer:

aniquila é a singularidade humana; a segunda diferença, decisiva em relação à supracitada e não menos relevante, tem caráter metodológico, posto que Adorno e Horkheimer estão inseridos na tradição hegeliano-marxista do materialismo dialético, abordagem que Arendt rejeita veementemente, expondo suas razões no Capítulo III de *A Condição Humana*, distinção que interfere profundamente na compreensão das duas tradições de pensamento acerca de uma teoria do agir ou uma filosofia da história, ou, ainda, em uma crítica da revolução, como a que se vê em *On Revolution*. Cf. RENSMANN, 2004, p. 04-5 ss.

³ ADORNO; HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*, p. 20

O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das reações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo. O animismo havia dotado a coisa de uma alma, o industrialismo coisifica as almas.⁴

O cálculo dessa função traduz-se na instrumentalização do pensamento humano, cuja finalidade última é o capital. Destarte, apresentam-se notadamente duas contradições primárias concernentes ao projeto emancipatório proposto pelo esclarecimento: a primeira contradição refere-se à transfiguração do pensamento em utilidade técnica, que por si só evanesce a essência do pensar ao impor-lhe a parcialidade matemática, limitando-o às suas premissas. O pensamento, assim como todo o resto, assume a essência coisificada, o que significa estar disponível, existir em função de algo, que por sua vez significa petrificar-se nos desígnios do sistema. Enxergar além do que é imediatamente fornecido, nesse caso, é uma impossibilidade conceitual. A segunda contradição ilustra a absoluta inversão do *telos* maior do esclarecimento, cuja tarefa seria elevar o homem ao patamar de dominante supremo sobre si e sobre a natureza. Não obstante a aspiração, ao resignar o ser humano à unidade totalitária baconiana e abandonar os sujeitos ao destino das oscilações e das intempéries intrínsecas à perpetuação do capital, o esclarecimento expulsa a humanidade da posição de fim em si mesmo, outrora tão exaltada por Kant, e a incumbe de ceder sua existência a uma abstração, condenando-a a propalar-se como meio, como mera engrenagem. Intimidados pela força coercitiva desse sistema, os indivíduos passam a ter suas vidas regidas pelo imperativo da autoconservação e assumem a postura reativa, imediatista e mimética exigida em nome de sua sobrevivência. Tanto seu trabalho quanto seu tempo seguem os parâmetros da repetição, pois para perenizar um fim único seria desastroso existir a inovação. Coagidos pela própria autoconservação, os indivíduos mensuram seu agir pelo crivo calculista e utilitário, e apenas esses elementos passam a determinar o nível de importância dos sujeitos que, embebidos pela cultura da mimese, automatizam a autoconservação e prostram o pensar coisificado enquadrando-o nos limites da lei de ação e reação, rejeitando a novidade e extinguindo a amplitude do pensar, que passa a orbitar nas fronteiras da mera reação. O horizonte daquilo que não se converte em servo do sistema é o exílio da inutilidade, para onde foram relegadas, gradualmente, as artes, a literatura e qualquer outra

⁴ ADORNO; HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*, p. 35

orientação crítica que se desgarrasse do agir repetitivo ou ousasse enxergar além daquilo que fosse imediatamente dado. Desta sorte,

(...) o formalismo matemático, cujo instrumento é o número, a figura mais abstrata do imediato, mantém o pensamento firmemente preso à mera imediatidade. O factual tem a última palavra, o conhecimento restringe-se à sua repetição, o pensamento transforma-se na mera tautologia. Quanto mais a maquinaria do pensamento subjuga o que existe, tanto mais cegamente ela se contenta com essa reprodução. Desse modo, o esclarecimento regride à mitologia da qual jamais soube escapar. Pois, em suas figuras, a mitologia refletira a essência da ordem existente – o processo cíclico, o destino, a dominação do mundo – como a verdade e abdicara da esperança.⁵

2. O fenômeno totalitário como agremiação dos elementos da razão moderna

Com efeito, o legado do esclarecimento para o século XX deságua naquilo que se mantém como um dos mais impactantes objetos de reflexão da história moderna: o advento do nazismo alemão. Dentre os diversos aspectos passíveis de análise atinentes a esse perturbador acontecimento histórico, um recorte bem específico foi feito para mediar a interlocução entre os trabalhos de Adorno, Horkheimer e Hannah Arendt. Esse recorte consiste em desconstruir o conceito da banalidade do mal arendtiano e pensá-lo em consonância à crítica cultural e epistemológica feita ao esclarecimento pelos dois frankfurtianos. Como plataforma para tal relação, tomaremos o relato do julgamento de Adolf Eichmann elaborado por Arendt e o produto mesmo da dialética do esclarecimento apontada por Adorno e Horkheimer.

Contrariamente à ilusão da qual muitos de convenceram, o que Arendt observou ao longo do julgamento realizado em Israel não foi a encarnação do mal na figura de um homem sádico e sanguinário, mas a completa mediocridade de alguém que, com um esforço quase infantil, não conseguia formular uma única frase que não estivesse encharcada de clichês, incapaz de cunhar, para defesa própria, uma única oração fruto de sua própria inteligibilidade. Se Eichmann personificava alguma coisa, era a figura escrachada do sujeito reativo descrito por Adorno e Horkheimer no trajeto compreensivo da dialética do esclarecimento, o sujeito que fora assujeitado pela autoconservação e adestrado a agir conforme uma ação superior, e tão somente com esse estímulo teria desperta sua reação pré-determinada. Sobre Eichmann:

Nas anotações desorganizadas e confusas que fez na Argentina, preparando-se para a entrevista com Sassen, quando ainda estava,

⁵ ADORNO; HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*, p. 34

como ele mesmo chegou a dizer na época, “em plena posse de sua liberdade física e psicológica”, ele lançou um fantástico alerta para que os “historiadores futuros sejam objetivos a ponto de não se desviar da trilha da verdade aqui gravada” – fantástico porque cada linha dessas anotações revela sua total ignorância de tudo que não fosse direta, técnica e burocraticamente ligado a seu trabalho, sem falar de sua memória extraordinariamente deficiente.⁶

Adolf Eichmann era exatamente o modelo de indivíduo que garantia o excepcional funcionamento do maquinário burocrático nazista. Sua consciência resguardava-se em incomodar-se apenas com aqueles assuntos concernentes à sua própria função e “só ficava com a consciência pesada quando não fazia aquilo que lhe ordenavam – embarcar milhões de homens, mulheres e crianças para a morte, com grande aplicação e o mais meticoloso cuidado”⁷. Em um sistema cego para temas racionalmente incalculáveis, a discussão ética perdia total espaço para o discurso da eficácia, com o qual, aliás, os nazistas nutriam profunda preocupação. Desde os elementos da administração estatal até a organização das filas para morte rumo às câmaras de gás, os escritórios ambulantes que eram os oficiais nacional-socialistas tinham sempre como moldura para seus atos a premissa do trabalho eficaz, perfeitamente planejado, previsto e executado. Ora, pois é exatamente esta uma das premissas do esclarecimento, novamente ilustrada no postulado de Francis Bacon: “O que importa não é aquela satisfação que, para os homens, se chama ‘verdade’, mas a ‘operation’, o procedimento eficaz”⁸. Ao esmiuçar o conteúdo conceitual da eficácia, pode-se chegar à identificação de três sustentáculos básicos: um primeiro relativo ao objeto em questão, ao ente ou situação material em torno da qual os outros dois componentes irão orbitar; ademais, apresenta-se uma finalidade, a qual agirá como estrela orientadora na comunicação dos outros elementos; e, por fim, uma medida, o vetor que administrará e executará os movimentos necessários para que se atinja a finalidade tal como foi imaginada. Algo será eficaz quando as medidas empenhadas obtiverem êxito na materialização da finalidade outrora idealizada sobre um determinado objeto, agora alterado. Note-se aqui que o conceito de eficácia é precisamente lógico, puramente técnico em seus cálculos e despido de qualquer manifestação ética em seu sentido de ser. Quando deveria ser simples instrumento, a eficácia pleiteia, com sucesso, a posição de finalidade no percurso do esclarecimento. Curiosamente, essa ideia foi a pele da estrutura de dominação nazista, precisa e

⁶ ARENDT, *Eichmann em Jerusalém*, p. 67

⁷ ARENDT, *Eichmann em Jerusalém*, p. 37

⁸ ADORNO; HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*, p. 18

perfeccionista ao calcular e executar seus projetos, intolerante com qualquer desvio e benevolente com aqueles que se escamoteavam de sua capacidade de pensar ao mergulhar na dinâmica maquinal. O manejo matemático do Estado nazista era cristalino:

Vale a pena notar, porém, que Himmler quase nunca tentava se justificar em termos ideológicos e, se o fazia, aparentemente esquecia-se depressa. O que afetava as cabeças desses homens que tinham se transformado em assassinos era simplesmente a ideia de estar envolvidos em algo histórico, grandioso, único (“uma grande tarefa que só ocorre uma vez em 2 mil anos”), o que, portanto, deve ser difícil de aguentar. Isso era importante, porque os assassinos não eram sádicos ou criminosos por natureza; ao contrário, foi feito um esforço sistemático para afastar todos aqueles que sentiam prazer físico com o que faziam.⁹

Quanto mais firmemente Eichmann se mantinha fiel ao seu ofício e realizava com esmero suas tarefas, mais postos galgava na administração nazista. A eficácia de seu trabalho era louvável, ainda que consistisse em enviar pessoas para a morte. Porém, em meio à efervescência do julgamento espetacularizado, o acusado insistia em alegar que era “inocente, no sentido da acusação”, alegação que de fato mostrou-se de difícil refutação por parte da promotoria ou dos juízes, pois todos ali presentes já haviam compreendido, àquela altura, que o funcionamento da máquina de destruição nazista encerrava-se em uma das burocracias mais bem formatadas da história e que, por isso, a imputação de uma culpa *stricto sensu* a todos os operários dessa obra seria tarefa infrutífera. A acusação, entretanto, insistia em atrelar a Eichmann a face diabólica que, por conforto, todos esperavam ver; conforto porque, no fundo, todos reconheciam ser parte constitutiva dessa cultura mimética que transformava pessoas em entes mecanizados preocupados apenas com a melhor performance de sua função e engessados em nome da autoconservação, um conforto que, ratificado pelo sentido para o qual se encaminhou o julgamento, ofuscou a verdade incômoda pairante sobre a compreensão daqueles acontecimentos.

Em igual proporção, a ideia da equivalência parece também presente de forma latente na história de Adolf Eichmann, o que significa dizer que esse princípio basilar do esclarecimento e da sociedade moderna ocidental está também impregnado, paralelamente, àquilo que se chamaria de “homem comum”. Como mencionado anteriormente, a ideia de equivalência caminha lado a lado com o processo de coisificação dos seres humanos, já que seu cerne matemático permite dizer que um

⁹ARENDDT, *Eichmann em Jerusalém*, p. 121

objeto pode – e, para a lógica do capital, *deve* – ser igualado a outro em sua forma-valor, de tal modo que se viabilize a troca. Os números que milhões de judeus carregavam em seus macacões listrados não eram mero critério de identificação, mas o atestado de que agora eles encarnavam, sem metáforas, a natureza de coisas perante os nazistas, simples números sujeitos a derivações e simplificações das quais o resultado era já previsto e aspirado: a morte. Nas estreitas salas da estrutura burocrática, as geladas máquinas de escrever convertiam sistematicamente uma profusão de nomes e estórias em números reais a serem analisados por pessoas como Eichmann, desprovidas de alteridade e acostumadas a reagir de acordo com ordens, perdendo continuamente a capacidade de pensar e julgar seus atos para além dos parâmetros da utilidade prática.

O processo técnico, no qual o sujeito se coisificou após sua eliminação da consciência, está livre da plurivocidade do pensamento mítico bem como de toda significação em geral, porque a própria razão se tornou um mero adminículo da aparelhagem econômica que a tudo engloba. Ela é usada como um instrumento universal servindo para a fabricação de todos os demais instrumentos. Rigidamente funcionalizada, ela é tão fatal quanto a manipulação calculada com exatidão na produção material e cujos resultados para os homens escapam a todo cálculo. Cumpriu-se afinal sua velha ambição de ser um órgão puro dos fins.¹⁰

Destarte,

Com o abandono do pensamento – que, em sua figura coisificada como matemática, máquina, organização, se vinga dos homens dele esquecidos –, o esclarecimento abdicou de sua própria realização. Ao disciplinar tudo o que é único e individual, ele permitiu que o todo não compreendido se voltasse, enquanto dominação das coisas, contra o ser e a consciência dos homens.¹¹

A consciência de Eichmann – e, assustadoramente, a dos “homens comuns” – é precisamente o subproduto dessa dialética do esclarecimento, que, ao depositar exclusivamente na razão matemática as pretensões que conduziram à emancipação humana, acabou por travestir-se de sua real contraposição, fundada na escravidão humana por uma (im)parcialidade totalitária e no rebaixamento das pessoas à situação de coisa fungível. Seu valor passa a ser mensurado por sua utilidade, ao passo que sua vida é previamente subjugada a uma abstração. Com efeito, a razão converte-se em racionalismo, que por sua vez converte toda vida humana a um estado de inconsciência da própria existência como tal, furtando-a de sua singularidade inerente e potencialidade

¹⁰ ADORNO; HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*, p. 37

¹¹ ADORNO; HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*, p. 45

de ser. Dominado pela esterilidade de *serhumano*, a vida de Eichmann corrobora o absurdo da equivalência:

No começo, Eichmann tentou entrar no jogo e obedecer suas regras; foi quando se envolveu nas fantásticas negociações de “sangue por mercadorias” – um milhão de judeus por 10 mil caminhões para o arruinado Exército alemão –, que com certeza não foram iniciadas por ele. A maneira como, em Jerusalém, explicou seu papel na história demonstra claramente como ele um dia justificou tudo aquilo para si mesmo: uma necessidade militar que lhe traria o benefício de um novo papel importante nos negócios das emigrações.¹²

3. Estrutura e forma ideológica: a zona comum entre o esclarecimento e o domínio total

Perscrutamos até este momento alguns dos aspectos elementares constituintes daquilo que chamaríamos “mentalidade do homem burguês”, denominação que ficará mais clara com o decorrer do texto. Porém, qual seria a superfície rija sobre a qual se desenvolvem todos os elementos característicos do homem reativo, do homem de agir repetitivo, do burguês em geral? Não seria essa superfície também o esqueleto mantenedor do esclarecimento? São questionamentos sobre os quais procuraremos nos debruçar na análise que se segue, cujo objeto configura o conceito que, por excelência, encarna em sua natureza a possibilidade de redução dos homens a algo desprovido de liberdade e pensamento. Estamos tratando da ideologia, ou, mais precisamente, da *forma* ideológica. Para nos auxiliar nesta análise, recorreremos a alguns pontos específicos explorados no texto *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, no qual Max Horkheimer parece identificar, no ventre da crítica à teoria epistemológica, os efeitos engessadores da ideologia e, em certa medida, antecipar a crítica feita ao esclarecimento como “inauguração” de uma nova mitologia¹³. Logo no início do texto, Horkheimer assim define o que ele nomeia “teoria tradicional”:

¹²ARENDDT, *Eichmann em Jerusalém*, p. 161

¹³ Sobre ousar uma aproximação entre as duas obras, encontramos respaldo em Marcos Nobre: “Horkheimer apresentou pelo menos dois diagnósticos do tempo e dois modelos críticos bastante diferentes ao longo de sua obra. Apresentarei o modelo crítico dos escritos da década de 1930” – isto é, *Teoria Tradicional e Teoria Crítica* – “e o modelo crítico dos escritos da década de 1940” – *Dialética do Esclarecimento* – “mas não sem antes fazer a ressalva de que, se há rupturas importantes entre esses dois modelos, também há linhas de continuidade que têm de ser levadas em consideração. (...) entendo que muitos temas e motivos que se tornaram centrais no modelo crítico da década de 1940 já estavam presentes nos escritos da década de 1930, mas em uma outra constelação disciplinar”. NOBRE, *Curso Livre de Teoria Crítica*, 2013. Pois bem, serão esses temas e motivos centrais que tentaremos trazer à tona para nos orientar na argumentação principal.

Teoria, em sentido preciso, é um “encadeamento sistemático de proposições de uma dedução sistematicamente unitária”. Ciência significa “um certo universo de proposições (...) tal como sempre surge no trabalho teórico, cuja ordem sistemática permite a determinação (Bestimmung) de um certo universo de objetos. Uma exigência fundamental, que todo sistema teórico tem que satisfazer, consiste em estarem todas as partes conectadas ininterruptamente e livres de contradição.¹⁴

Importante notar na assertiva dois caracteres que serão retomados na crítica contida em *Dialética do Esclarecimento*, a saber, a coesão e a totalidade. No interior dos sistemas racionais, torna-se absolutamente imprescindível a positivação de todos os entes, o que significa dizer que a sua existência mesma, englobados pelo corpo sistemático dominante, depende necessariamente do seu pertencimento e modulação relativamente ao sistema racional do qual são parte. Essa totalização sistemática só será vislumbrada quando todos os elementos positivos estiverem em pura consonância em relação ao núcleo abstrato da estrutura e, por conseguinte, estiverem coesos entre si. A repulsa intrínseca desse modelo tradicional de teoria a qualquer tipo de contradição implicará no nivelamento do mundo em geral por decorrência dos seus desígnios axiomáticos. Destarte, a abstração tipicamente matemática se infiltra na existência dos seres e instala a sua própria forma, que, para manter-se válida em seu processo de totalização, para fixar-se enquanto verdade universal, não pode suportar qualquer outro modo de apreensão do mundo, senão o seu próprio. De fato, a teoria tradicional arroga-se o título de única teoria possível e invalida de antemão as demais, encobrando o mundo em um único e preestabelecido sistema de verdade. Para Horkheimer, o modelo teórico imperante mantém relação genealógica com o sistema social no qual está inscrito e, por isso, ambos passam a refletir suas congênicas apreciações formais acerca do mundo. Nessas circunstâncias, a teoria tradicional revela-se como ideologia, pois afigura-se como pretensa expressão universal do mundo, ao passo que é oriunda de um sistema dominante, e é precisamente esse sistema – porque domina e quer seguir dominando – que dispõe de todas as ferramentas para *moldar* os campos da ação humana conforme as conveniências fortificadoras da sua própria lógica. A essa situação, do ponto de vista da análise crítica, Horkheimer dá o nome de parcialidade, já que, para efeitos da orientação crítica, o sistema imediatamente dado não aparece como o único parâmetro admissível, mas como *um* dos parâmetros construídos historicamente e que, assim sendo, também é passível de ser desconstruído historicamente. O filósofo chama

¹⁴ HORKHEIMER, *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, p. 117

de enformação (*Formung*) o modo de operação característico da ciência moderna e, por conseguinte, como já vimos, da ideologia.

Por conseguinte, o que os cientistas consideram, nos diferentes campos, como a essência da teoria, corresponde àquilo que tem constituído de fato sua tarefa imediata. O manejo da natureza física, como também daqueles mecanismos econômicos e sociais determinados, requer a enformação (*Formung*) do material do saber, tal como é dado em uma estruturação hierárquico (*Ordnungsgefuege*) das hipóteses. Os progressos técnicos da idade burguesa são inseparáveis deste tipo de funcionamento da ciência.¹⁵

“Enformados” pelo sistema vigente do qual são parte, os homens, que são regentes e peças dessa estrutura ideológica, adquirem a postura mimética tão cara às estruturas totais e passam a meramente reproduzir – ou, no caso dos “especialistas”, aperfeiçoar – a ordem racional que já os rapta no ato de nascimento. Nada escapa à tendência totalizadora da ideologia; aquilo que não se enquadra em seu domínios é forçosamente afastado ou aniquilado como uma possível verdade a desapossá-la. Assim, “o cientista e sua ciência estão atrelados ao aparelho social, suas realizações constituem um momento da autopreservação e da reprodução contínua do existente, independentemente daquilo que imaginam a respeito disso. Eles têm apenas que se enquadrar ao seu “conceito”, ou seja, fazer teoria no sentido descrito acima”¹⁶.

O aparelho social que recai sobre o cientista na forma de teoria científica é a mesma estrutura ideológica encapsuladora dos indivíduos em outras espécies de relação. Do ponto de vista ideológico, isto é, formalmente, ambos são coisas positivadas e modeladas de acordo com o sistema em questão; portanto, poderíamos dizer que ambos contemplam a figura do “homem comum”. Tanto na atividade do cientista, enquanto reproduzidor especializado do modelo vigente, quanto na atividade do “homem comum”, direcionada à indústria ou qualquer outra função, o espectro da autoconservação pulsa como agulhão das condutas sociais, como o fantasma onipresente que colocará constantemente os indivíduos sob este dilema: acompanhar a dinâmica funcional do sistema e sobreviver ou, na face negativa, resistir e fenecer. O conceito da autoconservação como um dos principais imperativos do homem burguês, já notamos, acompanhará Horkheimer, conjuntamente a Adorno, em toda a sua crítica ao esclarecimento. O que insere a autoconservação no contexto ideológico é a sua determinação frente ao indivíduo, como se tudo o que se apresenta imediatamente

¹⁵ HORKHEIMER, *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, p. 121

¹⁶ HORKHEIMER, *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, pp. 122-3

diante dele não pudesse ser de outra forma. Sem escapatória, o indivíduo procura simplesmente se adequar, já que esse seria o único modo de sobreviver. “Em regra geral o indivíduo aceita naturalmente como preestabelecidas as determinações básicas da sua existência, e se esforça para preenchê-la. Ademais ele encontra a sua satisfação e sua honra ao empregar todas as suas forças na realização das tarefas, apesar de toda a crítica enérgica que talvez fosse parcialmente apropriada, cumprindo com afã a sua parte”¹⁷. A ideologia tem essa característica perversa de impor univocidade ao mundo, transformando-o em coisa imutável em essência, externa ao homem e soberana sobre ele, o que lhe retira a capacidade de agir efetivamente sobre a história e transformá-la.

Resgatamos, assim, os caracteres cruciais da forma ideológica: a totalização, a predeterminação atemporal do mundo, a coesão interna, a independência em relação ao homem, a *única e intransponível* estrutura que existiu, existe e existirá. Em uma só palavra, a ideologia é *destino*. É precisamente em razão dessa roupagem de destino, a qual permeia o esclarecimento, que Adorno e Horkheimer lhe atribuirão o modo-de-ser do mito, a “mitologia da qual jamais soube escapar”. Impulsionado pela força totalizadora que lhe é própria, o esclarecimento decaiu na mesma forma que outrora combatera, isto é, ao mesmo tempo que pretendia ser a luz a resgatar a humanidade das trevas, não enxergou a escuridão que ele mesmo lançava sobre o pensamento humano ao encobri-lo sob seu véu ideológico. O raptado empreendido pelo esclarecimento em relação ao mundo revela apenas que em momento algum da modernidade a sociedade cessou de pensar em termos ideológicos, pois jamais abdicou do seguro refúgio da certeza, então proporcionada pela razão – ou pelo mito –, aquela mesma que administra matematicamente, em igual proporção, tanto pessoas quanto mercados e em cuja essência habita a justificativa absoluta da ciência, da mesma maneira que outrora habitava a justificativa absoluta divina. Assim como há não muito tempo nada fugia aos olhos de Deus, agora nada foge aos olhos da ciência, da razão moderna. Passado, presente e futuro são arrastados pela correnteza mitológica do esclarecimento, que passa a explicá-los conforme sua própria natureza matemática, tomando para si o título de referência primordial, soberana sobre a terra e o céu. “Com a difusão da economia mercantil burguesa, o horizonte sombrio do mito é aclarado pelo sol da razão calculadora, sob cujos raios gelados amadurece a sementeira da nova barbárie. Forçado pela dominação, o trabalho humano tendeu sempre a se afastar do mito, voltando a cair

¹⁷HORKHEIMER, *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, p. 130

sob o seu influxo, levado pela mesma dominação”¹⁸. O novo mito da razão destina cada ser a se adequar aos imponentes parâmetros impostos pela racionalização da vida e a encarnarem a abstração matemática que torna possível a universalização do sistema de trocas.

A crítica pungente à razão moderna, contudo, não nos soa como uma peculiaridade restritiva dos dois frankfurtianos. Em sua análise genealógica atinente à formação do fenômeno totalitário, detalhadamente exposta em *Origens do Totalitarismo*, Hannah Arendt dedica parte substancial de seu texto a esquadrihar a composição moderna de um ambiente político ao qual ela se refere pela designação de “pré-totalitário”, cujo protagonismo caberá a um tipo histórico bem específico de entidade política, a saber, o homem burguês. Arendt detecta no discurso burguês, ao longo de sua análise, a densa afeição pela suposta infalibilidade das verdades científicas, e será precisamente essa característica premente um dos elementos estratégicos de massificação articulados pela ideologia dominante, tema também tão notavelmente assinalado na obra crítica de Adorno e Horkheimer. Sem embargo, a filósofa destacará a importância assumida pelo que poderíamos chamar de “ideologia da razão” como ferramenta mestra no percurso exitoso da dinâmica entre propaganda de massas e formação social.

O cientificismo da propaganda de massa tem sido empregado de modo tão universal na política moderna que chegou a ser identificado como sintoma mais geral da obsessão com a ciência que caracteriza o Ocidente desde o florescimento da matemática e da física no século XVI. Assim, o totalitarismo parece ser apenas o último estágio de um processo durante o qual “a ciência [tornou-se] um ídolo que, num passe de mágica, cura os males da existência e transforma a natureza do homem. Realmente, há uma antiga ligação entre o cientificismo e o surgimento das massas.”¹⁹

Contanto que todo o conteúdo que atinja o conhecimento das massas receba previamente o carimbo da validação científica, será ele o arauto da verdade que “cura os males da existência” ao lançar mão da absorção total do mundo em torno de uma sistematização universal, a qual, coerente e infalível como é, anulará os predicados da incerteza e da insegurança até então acompanhantes da vida humana. Destarte, a previsibilidade interpela, no *modus* da razão científica, toda e qualquer contingência possível na condição humana e a modela na esteira dos cálculos de probabilidade, o que expurga a consciência mais própria de liberdade simultaneamente à interposição de um

¹⁸ ADORNO; HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*, p. 38

¹⁹ ARENDT, *Origens do Totalitarismo*, p. 479

destino cientificamente comprovado, o mesmo destino mitológico que, em sua figura secularizada, a ideologia, torna-se capaz de “essencializar” a vida conforme a lógica pura orbitando ao redor de uma *ideia*, pois “o pensamento ideológico arruma os fatos sob a forma de um processo absolutamente lógico, que se inicia a partir de uma premissa aceita axiomáticamente, tudo mais sendo deduzido dela; isto é, age com uma coerência que não existe em parte alguma no terreno da realidade”²⁰. Nada escapa à tendência totalizante da forma ideológica, sobretudo a sua entidade progenitora – isto é, o próprio homem –, para a qual a retribuição advinda de sua criação mesma consistirá na entrega inegável de uma *natureza*, algo do qual jamais poderá fugir e que determinará capilarmente toda a sua existência. Não é difícil, ademais, compreender que a orientação para a dominação total, já contida de modo tão inextricável na estrutura ideológica, acompanha bem de perto a circunstância necessária da massificação, fenômeno que poderíamos aproximar do conceito de enformação (*Formung*) descrito por Horkheimer como dispositivo indispensável na configuração do processo de dominação ideológica, muito embora os termos dominação e ideologia redundem, no mais das vezes, em uma expressão tautológica quando conjugados juntos. Essa enformação se apresenta como o mecanismo imediato daquele elemento de coesão interna típico da ordem mítico-ideológica, através do qual o mundo como um todo é violentamente atirado em um sistema lógico cuja única premissa é ser coeso em si mesmo, porque “as ideologias” – diz, agora, Arendt – “pressupõem sempre que uma ideia é suficiente para explicar tudo no desenvolvimento da premissa, e que nenhuma experiência ensina coisa alguma porque tudo está compreendido nesse coerente processo de dedução lógica”²¹. Uma vez inseridos na ordem lógica da *ideia* em questão, os entes raptados são prontamente descaracterizados de si para se acomodarem à ordem dominante, ou, dito de outra maneira, eles são integralizados, amoldados, perdidos na massa, isto é, massificados. Assim, sua própria natureza transforma-se na natureza fundamental da ideologia.

O que as massas se recusam a compreender é a fortuidade de que a realidade é feita. Predisõem-se a todas as ideologias porque estas explicam os fatos como simples exemplos de leis e ignoram as coincidências, inventando uma onipotência que a tudo atinge e que supostamente está na origem de todo

²⁰ ARENDT, *Origens do Totalitarismo*, p. 628

²¹ ARENDT, *Origens do Totalitarismo*, p. 626

acaso. A propaganda totalitária prospera nesse clima de fuga da realidade para a ficção, da coincidência para a coerência.²²

Antes de refletirmos acerca dessa predisposição das massas ao pensamento ideológico na era moderna, é pertinente que façamos uma breve menção ao texto de Adorno e Horkheimer sobre a indústria cultural, não obstante não caiba, no escopo do presente trabalho, um aprofundamento mais apurado dos riquíssimos apontamentos dos filósofos sobre esse fenômeno particularmente moderno, cuja natureza precípua é precisamente a estratégia de massificação. Em determinada altura de seu ensaio, os pensadores fazem a seguinte enunciação: “A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. Os automóveis, as bombas e o cinema mantêm coeso o todo e chega o momento em que seu elemento nivelador mostra sua força na própria injustiça à qual servia”²³. Eles retomam nesse trecho aquele mesmo movimento dialético que desenvolveram no primeiro ensaio da *Dialética do Esclarecimento*, consistente na superposição da racionalidade ao próprio homem no instante mesmo em que se transforma em categoria mitológica e independente das intervenções humanas, uma lei que nasce para ser eternamente vigente, de acordo com a qual as pessoas deverão adequar-se incondicionalmente. A compreensão de Hannah Arendt atinente à estrutura ideológica se revela clarificadora quando em diálogo com Adorno e Horkheimer:

Uma ideologia é bem literalmente o que o seu nome indica: é a lógica de uma ideia. O seu objeto de estudo é a história, à qual a “ideia” é aplicada; o resultado dessa aplicação não é um conjunto de postulados acerca de algo que é, mas a revelação de um processo que está em constante mudança. A ideologia trata o curso dos acontecimentos como se seguisse a mesma “lei” adotada na exposição lógica da sua “ideia”.²⁴

Essa lei – a lógica da *ideia* – “é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma” pois, como procuramos demonstrar, a ideologia na qual se transfigurou a racionalidade, ou seja, o “mito do esclarecimento”, enredada por sua particular natureza de dominação, prostra-se como uma contumaz influência externa sobre os homens de modo que simplesmente se esqueçam de que quem vê, ouve, fala e pensa nos moldes ideológicos da racionalidade são eles mesmos, o que significa dizer que eles se *alienam* das forças de dominação, se separam delas e, por conseguinte, são subjugados pelas

²² ARENDT, *Origens do Totalitarismo*, pp. 485-6

²³ ADORNO; HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*, p. 100

²⁴ ARENDT, *Origens do Totalitarismo*, p. 624

forças que eles mesmos criaram. Neste sentido, ideologia e alienação são absolutamente inseparáveis, já que o elemento totalizante da ideologia circunscreve-se em um terreno alheio à vontade humana, que só pode, porém, ser assim efetivado em uma sociedade já alienada. A alienação é aquilo que garante a supremacia necessária à configuração da forma ideológica, ao mesmo tempo que angaria sua razão-de-ser desse estado de cisão e resignação humana perante a *ideia* do vocábulo, seja esse posto abstrato preenchido pela razão moderna, pelo capital, pela soberania estatal ou pelo líder totalitário. Definida e ancorada a *ideia*, a totalidade do mundo é tragada pelo espiral massificador do pensamento ideológico, que tem na indústria cultural um dos seus dispositivos mais eficazes, capaz de manter “coeso o todo” através de seu “elemento nivelador”, tal como é perfeitamente adequado à operação natural da forma ideológica.

Contudo, conforme destacado no trecho de Arendt, contextualizado em sua proposta compreensiva do trajeto de formação dos governos totalitários do século XX, por que as massas – e vale lembrar que a sociedade de massas é um fenômeno moderno – “predispõem-se a todas as ideologias”? É evidente que a filósofa intui, com essa afirmação, remeter-se à passagem das massas, na primeira metade do século XX, ao modo de pensar e agir da estrutura ideológica sustentadora da lógica totalitária, um modo peculiar de aparição política da ideologia, vale dizer, nos dando uma resposta ao questionamento logo na sequência: as massas “predispõem-se a todas as ideologias porque estas explicam os fatos como simples exemplos de leis e ignoram as coincidências, inventando uma onipotência que a tudo atinge e que supostamente está na origem de todo acaso”. Ora, mas que haja essa predisposição a um modo de “pensar” baseado em “simples exemplos de leis” e em uma “onipotência que a tudo atinge” significa que, de antemão, as massas já haviam se acostumado a pensar em termos ideológicos, quadro muito bem esquadrihado pela pensadora no momento de apreensão do ambiente pré-totalitário constituído pelo formato cognitivo e político do homem burguês, adestrado a enxergar na ciência o *último* núcleo explicativo da história. Assim sendo, encontramos um importante ponto de confluência entre os pensamentos arendtiano e frankfurtiano (Adorno e Horkheimer), o qual reside na interpretação concernente à idade moderna como um ambiente de notória ideologização, cujos alicerces estão fincados naquilo que os três pensadores identificam como a crença indiscriminada na razão, no “mito do esclarecimento”, que esconde por detrás de sua superfície o *modus* específico da *forma* ideológica, e, aliás, nada é tão difícil de se perceber e transformar do que o esqueleto que sustenta toda uma força de dominação.

Da passagem da religião à razão, e da razão ao movimento totalitário das raças ou das classes, o mito incrustado em cada uma dessas categorias continuou a enclausurar os homens nos domínios do *destino*, comprimindo-os a um pensamento reprodutivo e incapaz de enxergar além da carapaça ideológica que os assola. Impiedosamente, a primeira coisa a fenecer nos braços da ideologia é justamente aquilo que pode desconstruí-la: a liberdade do pensar.

4. A ausência do pensar como condição de possibilidade do domínio ideológico

Se Adolf Eichmann, a figura representativa por excelência da banalidade do mal, encarna a incapacidade de pensar, que significa, destarte, o pensar? Em Arendt, liberdade e pensamento são dois momentos indissociáveis um do outro e sinalizam, invariavelmente, a condição desalienadora e desideologizante dos seres humanos. Ao passo que a ideologia fecha os homens em uma cadeia de circunstâncias abstratas predeterminadas, o pensar é aquela instância da condição humana capaz de compreender a ideologia e a alienação *qua* ideologia e alienação, isto é, compreender, através das lentes da crítica, que as forças de dominação imediatamente apresentadas jamais tiveram a necessidade, no estrito sentido do termo, de se constituírem como história e que, se assim se apresentaram, isso se deveu à ação política de cada um dos membros de determinada sociedade, algo que, desde que desvelado pela consciência, devolve aos homens o poder sobre a autoria da própria história. O pensamento é por definição liberdade porque ele nunca se deixa constranger; tudo o que lhe vem de encontro atravessa o arco do questionamento, orientado pela ampla consciência da liberdade que funda o mundo dos homens, e é exatamente em virtude dessa consciência acerca do instante fundacional provido em liberdade que Arendt pode afirmar a característica elementar do pensar, a saber, o ato de criação, pois questionamento algum seria possível se não se pudesse de pronto vislumbrar a possibilidade de algo simplesmente diferente daquilo sobre o que se inquire.

A liberdade, como capacidade interior do homem, equivale à capacidade de começar, do mesmo modo que a liberdade como realidade política equivale a um espaço que permita o movimento entre os homens. Contra o começo, nenhuma lógica, nenhuma dedução convincente pode ter qualquer poder, porque o processo da dedução pressupõe o começo sob forma de premissa.²⁵

Que é a premissa senão a usurpação da capacidade criadora? Que é a premissa senão a *ideia* de todas as ideologias reinando soberana junto a avassaladora lógica que

²⁵ ARENDT, *Origens do Totalitarismo*, p. 631

funda e que a mantém, que é ela senão o capital que a tudo enforma e deforma em mercadoria ou, ainda, o axioma matemático do esclarecimento que a tudo racionaliza? O homem burguês já está conformado com as premissas impostas pela necessidade funcional de um sistema, ele busca tão somente adaptar-se da melhor maneira àquela “natureza humana” que lhe é entregue de imediato, a natureza da utilidade integral do mundo e de si, do manejo lógico e do finalismo da eficácia. Perto disso, nenhum novo começo pode vir à tona, pois o *começo* implica na efetiva transformação das estruturas que habitam o mundo, e, no revés dessa liberdade, representada pela real possibilidade de criar, o sustentáculo ideológico se alastra com a ânsia de amoldar o todo segundo seus desígnios. Arendt prossegue:

Tal como o terror é necessário para que o nascimento de cada novo ser humano não dê origem a um novo começo que imponha ao mundo a sua voz, também a força autocoerciva da lógica é mobilizada para que ninguém jamais comece a pensar – e o pensamento, como a mais livre e a mais pura das atividades humanas, é exatamente o oposto do processo compulsório de dedução.²⁶

Nada de novo se cria nos domínios da lógica capitalista porque tudo já está previamente destinado à troca, a ser a mercadoria na qual todos os homens e coisas abstratamente se transfiguram antes mesmo de nascer. Nada de novo se cria no universo racional do esclarecimento porque a dedução matemática a tudo já engoliu de antemão, ditando para todos os cantos do cosmos, com a veemência absolutamente desprovida de emoções que lhe é peculiar, a sua premissa basilar: nada que não possa ser positivado, ou seja, penetrado pela essência numérica e absorvido pela massa sistêmica. Ao combate contra essa violência devastadora da lógica, apenas o pensar se levanta; pois, conforme as pertinentes colocações de Nádia Souki, “se, ‘na prática, pensar significa que temos que tomar novas decisões cada vez que somos confrontados com alguma dificuldade’, o pensar significa, então, sempre um novo começo, um apropriar-se, do homem, de sua própria essência que é a do *initium* (Agostinho). Se o pensar é sempre um início, o produto do pensamento é, então, sempre uma novidade”²⁷.

A “essência” do homem é, portanto, a própria possibilidade constante de começar algo novo, essência esta fomentada pela liberdade que está no núcleo do pensar e cujo resultado se manifesta, precisamente por advir de um ato livre, como novidade. Sem embargo, é essa liberdade que se dilui no homem mimético da modernidade,

²⁶ ARENDT, *Origens do Totalitarismo*, p. 631

²⁷ SOUKI, *Hannah Arendt e a Banalidade do Mal*, p. 118

juntamente com a sua capacidade de pensar por si mesmo; todos os seus atos são meras reações aos estímulos cotidianos perpetrados por um sistema altamente racionalizado que emana das condutas massificadas do próprio aglomerado humano, disperso do caráter autoral sobre as suas ações como se a correnteza que vorazmente o arrasta fosse algo tão natural quanto o movimento de respiração do qual sequer nos lembramos para que continue a acontecer. O único imperativo existente para esse tipo humano é aquele que Adorno e Horkheimer denominaram “autoconservação”, algo formalmente bem emparelhado ao trivial instinto de sobrevivência presente em qualquer espécie animal, absorvido pelo homem burguês com um apreço quase moral, fazendo ressoar a fórmula do homem perfeito para o capitalismo, isto é, o homem individualista, competitivo e predador. Hannah Arendt parece concordar com esse diagnóstico:

O filisteu é o burguês isolado da sua própria classe, o indivíduo atomizado produzido pelo colapso da própria classe burguesa. O homem da massa, a quem Himmler organizou para os maiores crimes de massa jamais cometidos na história, tinha os traços do filisteu e não da ralé, e era o burguês que, em meio às ruínas do seu mundo, cuidava mais da própria segurança, estava pronto a sacrificar tudo a qualquer momento – crença, honra, dignidade. Nada foi tão fácil de destruir quanto a privacidade e a moralidade pessoal de homens que só pensavam em salvaguardar as suas vidas privadas.²⁸

As características do homem burguês aparecem, na análise da filósofa, como a chave para a compreensão do surgimento do totalitarismo. O homem aprisionado em sua vida privada, contemplado como mera função, paranoico com sua autoconservação e com a manutenção do seu estilo de vida é já aquele disposto a abdicar de qualquer coisa em nome de uma *ideia*. É por isso que Arendt recorre à filosofia francamente racional de Thomas Hobbes para encontrar os contornos estruturais desse tipo de homem²⁹. Para Hobbes, segundo a leitura da pensadora: “o homem é essencialmente uma função da sociedade e é, portanto, julgado de acordo com o seu “valor ou merecimento [...] seu preço; ou seja, aquilo que se lhe daria pelo uso da sua força”³⁰. Em suma, o homem é, para efeitos da ordem burguesa, um instrumento que existe unicamente em função de um sistema hegemônico imediatamente apresentado, cujo valor varia de acordo com a importância de sua função para o engrandecimento desse

²⁸ ARENDT, *Origens do Totalitarismo*, pp. 472-3

²⁹ Para Arendt, ninguém desenhou tão bem o retrato do homem burguês quanto Hobbes. “É difícil encontrar um único padrão burguês que não tenha sido previsto pela inigualável magnificência da lógica de Hobbes. Ele pinta um quadro quase completo não do Homem, mas do homem burguês, uma análise que em trezentos anos não se tornou antiquada nem foi suplantada”. ARENDT, *Origens do Totalitarismo*, p. 208

³⁰ ARENDT, *Origens do Totalitarismo*, p. 208

sistema. Com o tempo, cada indivíduo assimila essa moral funcional e passa a enxergar-se a si mesmo como o *ser que executa funções*, a depender do sucesso dessa atividade a sua própria satisfação moral enquanto ser humano. Está claro, agora, o quanto Eichmann, com suas vaidades laborais embebidas por uma motivação de vida unívoca baseada no progresso profissional, representa o retrato exemplar do homem burguês, em cujas categorias aparece com primazia o agir inteiramente repetitivo em concorrência à circunstancial aniquilação da capacidade de pensar. Sem a presença do *ser que executa funções*, ou, por assim dizer, do “modelo Eichmann”, os governos totalitários perderiam as engrenagens que movimentam a sua colossal máquina de destruição e simplesmente desmoronariam, pois o começo e o fim do totalitarismo alimenta-se da depredação e visada extinção de todo ato criador e de toda liberdade, os únicos elementos capazes de resgatar os homens do domínio ideológico.

Embora haja um número suficiente de relatos dos campos de concentração para que se avalie a possibilidade do domínio total e se vislumbre o abismo do “possível”, não sabemos até onde um regime totalitário pode transformar o caráter. Menos ainda sabemos quantas *pessoas normais*, ao nosso redor, estariam dispostas a aceitar o modo totalitário de vida – isto é, pagar o preço de uma vida consideravelmente mais curta pela realização segura de todos os seus sonhos profissionais.³¹

Não sabemos quantos,

(...) se continuarem expostos por mais tempo a uma constante ameaça de desemprego, aceitarão de bom grado uma “política populacional” de eliminação regular do excesso de pessoas, e quantos, compreendendo perfeitamente a sua crescente incapacidade de suportar a carga da vida moderna, se conformarão de boa vontade a um sistema que, juntamente com a espontaneidade, elimina a responsabilidade.³²

Os movimentos de massas e a posterior ascensão dos regimes totalitários tiveram como pilar essencial a predominância do homem burguês na sociedade moderna, do Eichmann que vivia em cada indivíduo, no qual o definhamento do pensar, preparado com esmero no caldo ideológico imperante, nutria a total alienação das pessoas em relação ao mundo e em relação a si mesmas, impedindo-as de reconhecer, na composição de suas ações, a autoria nascida em liberdade que nos faz conscientes do liame perpétuo existente entre nós e tudo o que fazemos. Em outros termos, acompanhada da eliminação do pensar, isto é, da liberdade criadora e singular, está

³¹ ARENDT, *Origens do Totalitarismo*, p. 581 (grifo nosso)

³² ARENDT, *Origens do Totalitarismo*, p. 581

também a eliminação da responsabilidade, profundamente ausente na mentalidade do “modelo Eichmann”. Atinente ao contorcionismo ético necessário para se extirpar totalmente da consciência humana esse liame íntimo entre o eu e sua ação, cabe observar algumas dicas oferecidas pela conduta padrão dos nazistas:

Por isso o problema era como superar não tanto a sua consciência, mas sim a piedade animal que afeta todo homem normal em presença do sofrimento físico. O truque usado por Himmler – que aparentemente sofria muito fortemente com essas reações instintivas – era muito simples e provavelmente muito eficiente; consistia em inverter a direção desses instintos, fazendo com que apontassem para o próprio indivíduo. Assim, em vez de dizer “Que coisas horríveis *eu fiz* com as pessoas!”, os assassinos poderiam dizer “Que coisas horríveis *eu tive de ver na execução dos meus deveres*, como essa tarefa pesa sobre os meus ombros!”³³

Arendt se refere aqui aos indivíduos espacialmente mais próximos às cenas de destruição humana, vale citar, os *Einsatzgruppen*, os operadores das câmaras de gás, os oficiais dos campos de concentração etc. Todavia, entendemos que, se essa estratégia de esvaziamento da responsabilidade articulada por Himmler e tantos outros oficiais obteve êxito no que tange a pessoas para as quais a barbárie estava tão mais visível, deve então haver logrado tão maior eficácia naqueles funcionários submersos, como Eichmann, em seus serviços burocráticos e, ao menos espacialmente, mais afastados da degeneração sistemática de seres humanos. A conversão do “eu fiz” para o “eu tive de fazer” é o resultado final do potencial destrutivo da ideologia no que tange à liberdade, pois, como refletimos anteriormente, a lógica da ideia cai sobre o mundo como uma força impossível de ser alterada pela escolha ou por qualquer outro fenômeno, transformando-se em um centro de gravidade irresistível que a tudo coage de acordo com seus próprios parâmetros. Sua auxiliar necessária, a alienação, se encarrega de garantir a impotência dos homens frente à história mediante a cisão entre indivíduo, ação e repercussão política da ação. A tendência totalizante da lógica propaga-se pelo mundo, amparada pelo vetor necessário da conduta repetitiva, em detrimento de todos os espaços onde seria possível acontecer um novo começo, uma novidade, um pensar. Assim, “o poder total só pode ser conseguido e conservado num mundo de reflexos condicionados, de marionetes sem o mais leve traço de espontaneidade. Exatamente porque os recursos do homem são tão grandes, só se pode dominá-lo inteiramente quando ele se torna um exemplar da espécie animal humana”³⁴. O abandono do pensamento – dessa essência

³³ ARENDT, *Eichmann em Jerusalém*, p. 122 (grifo nosso)

³⁴ ARENDT, *Origens do Totalitarismo*, p. 605

humana que é a capacidade de começar algo novo – é a condição de possibilidade de todo domínio total, para o qual o ser humano deve limitar-se a um conjunto de reações programadas similares àquelas ensinadas aos ratos de laboratório, pois o que está em jogo para a ideologia é permanentemente o manejo de sua própria manutenção, empenho no qual o protagonista por excelência apresenta-se como essa “espécie animal humana”.

5. A germinação do totalitarismo em um mundo ainda não totalitário

Concomitante a isso, no seio da sociedade moderna, regida pelo modo-de-vida capitalista e racional, todos os ingredientes contidos nas calamidades totalitárias da história vão se nutrindo em ritmo inversamente proporcional à capacidade de pensamento emancipatório e singular. O abandono do pensar, como essa potência livre e orientada para a emancipação, reflete a grande preocupação também de Adorno e Horkheimer em seus escritos e descreve a problemática que é plano de fundo na questão do movimento dialético que interpela a edificação do esclarecimento. Intrincada à racionalidade de um sistema econômico e da vida ela mesma, na sociedade moderna

Não apenas são as qualidades dissolvidas no pensamento, mas os homens são forçados à real conformidade. O preço dessa vantagem, que é a indiferença do mercado pela origem das pessoas que nele vêm trocar suas mercadorias, é pago por elas mesmas ao deixarem que suas possibilidades inatas sejam modeladas pela produção das mercadorias que se podem comprar no mercado. Os homens receberam o seu eu como algo pertencente a cada um, diferente de todos os outros, para que ele possa com tanto maior segurança se tornar igual. Mas, como isso nunca se realizou inteiramente, o esclarecimento sempre simpatizou, mesmo durante o período do liberalismo, com a coerção social. A unidade da coletividade manipulada consiste na negação de cada indivíduo; seria digna de escárnio a sociedade que conseguisse transformar os homens em indivíduos. A horda, cujo nome sem dúvida está presente na organização da Juventude Hitlerista, não é nenhuma recaída na antiga barbárie, mas o triunfo da igualdade repressiva, a realização pelos iguais da igualdade do direito à injustiça.³⁵

Adorno e Horkheimer traduzem nesse enunciado o intuito maior de nossa pesquisa, isto é, alertar que, embora o fenômeno totalitário – dos casos nazista e stalinista – de fato constitua um acontecimento pontual, muito específico e único – de acordo com Arendt – em toda a história, a sua concepção se dá em um terreno ainda não totalitário, porém rico de seus elementos mais estruturais, o que significa dizer que a formação da sociedade moderna carrega já em seu ventre a abstração ideológica responsável pela massificação e pela depredação da liberdade humana. Enquanto o mito

³⁵ ADORNO; HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*, p. 24

do esclarecimento efetua a abstração geral do mundo a fim de a tudo transfigurar em números, o mito do capitalismo se aproveita da “igualdade repressiva” promovida pela abstração da ideologia para a tudo transformar em mercadoria, o que, no final, não passa daquela velha constatação, a de que apenas em matemática *um* pode ser igual a *um*, axioma que valida a torrente lógica do sistema pautado na equivalência e que torna possível a universalização da troca, onde inclusive o tempo será computado a fim de se transformar em lucro.

A abstração, que é o instrumento do esclarecimento, comporta-se com seus objetos do mesmo modo que o destino, cujo conceito é por ele eliminado, ou seja, ela se comporta como um processo de liquidação. Sob o domínio nivelador do abstrato, que transforma todas as coisas na natureza em algo de reproduzível, e da indústria, para a qual esse domínio do abstrato prepara o reproduzível, os próprios liberados acabaram por se transformar naquele “destacamento” que Hegel designou como o resultado do esclarecimento.³⁶

O destino que acomete o ser humano é, em última análise, o destino da reprodutibilidade do que já há, ou seja, a reprodutibilidade de um modelo totalizante no qual todos os entes da natureza existem meramente enquanto funções dispostas à lógica de uma *ideia*: a ideia da matemática e a ideia da mercadoria. Com efeito, e já analisamos suficientemente o porquê, o pensar localiza-se em uma zona diametralmente oposta à da reprodução; portanto, a existência do pensar é absolutamente inadmissível para uma estrutura dependente da reprodução dela mesma, tornando urgente, para a ideologia, a necessidade vital de positivação do pensamento, de modo a modelá-lo conforme seus caracteres elementares. Deste modo, no esclarecimento “o procedimento matemático tornou-se, por assim dizer, o ritual do pensamento. Apesar da autolimitação axiomática, ele se instaura como necessário e objetivo: ele transforma o pensamento em coisa, em instrumento, como ele próprio o denomina”³⁷. Ora, transformar a essência do homem, o pensamento, em coisa, significa de imediato transformar o homem também em coisa. Sem nenhuma perspectiva de alteração da realidade na qual está jogado, “o pensar reifica-se num processo automático e autônomo, emulando a máquina que ele próprio produz para que ela possa finalmente substituí-lo”³⁸. A dialética do esclarecimento consiste nisso; por um lado, na suplantação do homem pela rede mítica que ele mesmo criou e, por outro, no afastamento de sua capacidade intrínseca de ser criador, substrato final de sua autoalienação. A partir daqui, nada mais é visto por ele

³⁶ ADORNO; HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*, p. 24

³⁷ ADORNO; HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*, p. 33

³⁸ ADORNO; HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*, p. 33

como resultado de sua própria ação, mas, tão somente, como decorrência independente de uma ordem posicionada sempre um passo à sua frente, conforme a qual ele buscará se adequar da melhor maneira. Tudo está predeterminado em seu ser porque tudo o que o homem vê não brota de uma visão singular, mas das idênticas lentes ideológicas sempre embutidas de antemão nos olhos de cada um dos componentes reificados da comunidade humana.

A regressão das massas, de que hoje se fala, nada mais é senão a incapacidade de poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de poder tocar o intocado com as próprias mãos: a nova forma de ofuscamento que vem substituir as formas míticas superadas. Pela mediação da sociedade total, que engloba todas as relações e emoções, os homens se reconvertem exatamente naquilo contra o que se voltara a lei evolutiva da sociedade, o princípio do eu: meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força.³⁹

Nenhum pensamento pode ser próprio porque nenhuma ideologia sobrevive à liberdade. Sendo assim, o esclarecimento, como mito que se tornou, aparece como “a nova forma de ofuscamento que vem substituir as formas míticas anteriores” ao renegar aquilo que ele mesmo glorificara, a saber, o conhecimento da natureza desagrilhado, através do pensamento livre, das formas dogmáticas do saber. Anterior mesmo à elaboração de *Dialética do Esclarecimento*, Horkheimer lança o aviso: “o indivíduo deixou de ter um pensamento próprio. O conteúdo da crença das massas, no qual ninguém acredita muito é o produto direto da burocracia que domina a economia e o Estado. Os adeptos dessa crença seguem em segredo apenas os seus interesses atomizados e por isso não verdadeiros; eles agem como meras funções do mecanismo econômico”⁴⁰. O pensador parece compreender em seu texto seminal que a contrapartida à instalação de um sistema racionalizado, como o é o do capital, firma-se no abandono do pensamento, pois apenas seres que meramente executam funções são capazes de satisfazer a ânsia por permanência hegemônica de uma ideologia. Um pensamento funcionalizado é, portanto, um pensamento acorrentado ao panorama geral referente a uma lógica específica que o enforma e, na mesma via, o condiciona à sua própria natureza mítica. Contra a direção totalizante da sociedade alienada, só o pensamento pode, exercendo a liberdade que lhe dá corpo, imaginar algo efetivamente diferente daquilo que imediatamente se lhe apresenta como “realidade”; por outro lado,

³⁹ ADORNO; HORKHEIMER, *Dialética do Esclarecimento*, p. 41

⁴⁰ HORKHEIMER, *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, p. 151

“o conformismo do pensamento, a insistência em que isto constitua uma atividade fixa, um reino à parte dentro da totalidade social, faz com que o pensamento abandone a sua própria essência”⁴¹. Que seria, entretanto, a essência do pensar para o frankfurtiano? A resposta Horkheimer nos presenteia em um singelo texto, composto em parceria a Herbert Marcuse, sobre seu projeto emancipatório resguardado na teoria crítica, onde contundentemente afirma: “a teoria crítica não se trata apenas dos fins tais como são apresentados pelas formas de vida vigentes, mas dos homens com todas as suas possibilidades”⁴². A possibilidade, a potência, como manifestação da liberdade, estreita-se perfeitamente ao entendimento de Arendt acerca do pensamento como *initium*, a capacidade de começar algo novo no mundo, corroborando nossa percepção de que a crítica estrutural da sociedade moderna empenhada por ambas as abordagens teóricas aqui trabalhadas tem como plano de fundo não só o diagnóstico do homem protagonista deste cenário – o homem comum, ou homem burguês, ou “modelo Eichmann”, ou ser que executa funções, ou qualquer outra denominação que se possa dar a essa criatura reativa tipicamente moderna –, mas, especialmente, o referencial a ele emancipado, o ser humano de pensamento livre e singular que seria habilitado para edificar um mundo receptivo a essa liberdade. Adorno, em seu ensaio *Educação Após Auschwitz*, ilumina um tanto mais nossa reflexão através de uma assertiva extremamente pertinente a um dos momentos históricos analisados nesta pesquisa: “o único poder efetivo contra o princípio de Auschwitz” – poderíamos dizer, a anabolização do modelo de homem já criado pelo esclarecimento – “seria a autonomia, para usar a expressão kantiana; o poder para a reflexão, a autodeterminação, a não-participação”⁴³, frente ao projeto não reflexivo, predeterminante e totalizador do racionalismo.

Sem embargo, antes mesmo de o III Reich decretar as Leis de Nuremberg, em 1935, as diretivas de racionalização do Estado já atingiam um grupo bem específico de pessoas, as quais não contemplavam, sob a perspectiva estrita da razão, a utilidade determinante necessária para integrar a fórmula final de desenvolvimento da grande nação alemã. Fora esse o caso dos programas de eutanásia aplicados às casas manicomiais, sob o pretexto, legitimado por expressiva parcela da sociedade, da redução de custos estatais, cujo resultado seria a acumulação de um considerável poder aquisitivo potencialmente canalizável para a reestruturação das Forças Armadas alemãs,

⁴¹ HORKHEIMER, *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, p. 154

⁴² HORKHEIMER; MARCUSE, *Filosofia e Teoria Crítica*, p. 156

⁴³ ADORNO, *Educação após Auschwitz*, p. 04

por exemplo. Os cálculos eram claros, bastava “simplificar” a vida daqueles pacientes. A perturbadora problemática moral aqui presente e, mais tarde, no percurso para a “solução final” da questão judaica, reside na total incapacidade desses “homens comuns” em pensar segundo outra perspectiva que não seja a sua própria, a saber, a perspectiva da instrumentalidade prática e da autoconservação, como fica evidente em todo o histórico comportamental de Adolf Eichmann. No momento em que Arendt fala sobre a “decadência moral de toda uma nação”⁴⁴, é imprescindível que se pense na moral como aquele imperativo que dá corpo ao julgar e impede, amparado pelo julgamento, que o agir humano seja simples *mimesis*, improfícua reação. Pois a moral, enquanto fruto do pensar e, por isso, pressuposto de liberdade, quando vê-se prostrada diante da técnica sempre escolherá pela própria liberdade como imperativo inflexível – e compreenda-se por isso a liberdade inerente a todo e qualquer ser humano –, enquanto a técnica é parcial em si mesma, porque serve a qualquer finalidade de acordo com aquele que a maneja. Tudo se inicia, se direcionado para a emancipação humana, doravante, com o *pensar*, com a desbanalização do agir, com o domínio de julgamento sobre cada ato e o afastamento da cultura de repetição.

6. Conclusão

Não embargado pela aura das definições estanque racionalistas, o conceito da banalidade do mal em Hannah Arendt pode ser compreendido como aquele que orbita em torno do processo de esfacelamento do pensar por si mesmo, algo que pode adquirir, em face das construções e desconstruções históricas, as mais diversas molduras, investidas e propagações possíveis. Se assumirmos com convicção o imperativo de Adorno, “que Auschwitz não se repita”, é preciso antes que se compreendam as circunstâncias prosaicas que tornaram Auschwitz possível, para que também não sejam repetidas. O que se viu na Alemanha nazista não foi a reunião de uma seita maligna na qual todos os seus membros tinham por finalidade comungada a execução de atrocidades contra um povo – seria muito mais simples entender algo assim –, o que houve naquela nação foi algo muito mais banal em sua natureza do que a édita maldade personificada. Contrariando essa maldade bíblica, o mal encontrou sua propagação incisivamente na impessoalidade intrínseca de todo um sistema, em uma comunidade cuja maioria dos membros entorpeceria na condição de coisa, tanto naquilo que tange à funcionalidade material quanto à movimentação inteligível. Afinal, para uma estrutura que preza pela eficácia em um nível tão elevado, o que melhor serve aos seus propósitos

⁴⁴ARENDDT, *Eichmann em Jerusalém*, p. 126

não é aquilo que pensa, mas aquilo que executa. Tão logo, agir sem pensar só é possível em uma organização na qual o que se é esperado já está dado de antemão, bastando que o curso das ações seja apenas repetido. O esclarecimento proporcionou todos os elementos para que esse sistema tão eficaz, útil e técnico pudesse adestrar os homens a agir segundo suas diretrizes, gerando a vastidão de terrenos férteis à implementação e manutenção de sistemas totalitários.

Até o último minuto que precedeu sua execução, Adolf Eichmann mantinha sólida sua alegação quanto ao conteúdo daquele julgamento: “inocente, no sentido da acusação”. Desprovido da noção sobre a proporção e alcance de seus atos, sua única convicção era a de que seu trabalho nos escritórios da SS havia sido executado com excelência. Em sua mente, era impossível imaginar algo como a responsabilidade, noção ofuscada pela ideia normatizada de culpa que o fazia se convencer de sua inocência acerca do assassinato de milhões de pessoas. Incapaz de decidir por conta própria e agir sem uma ordem superior, sua única linguagem, segundo ele mesmo, tornou-se o “oficialês”, transportada para a vida civil com o afago reconfortante dos clichês. Sua consciência carecia da compreensão daquilo que não fosse impulsionado a fazer por uma causa alheia à sua vontade, de tal modo que abraçou o perigoso discurso dos “dentes de engrenagem” como um naufrago abraça o toco de madeira, discurso que o isentava de sua responsabilidade e aperfeiçoava um dos efeitos mais desumanos do totalitarismo: a ausência da política. Destarte, o funcionamento da estrutura nazista tomou como sua plataforma o comportamento padronizado de “homens comuns”, cidadãos respeitadores da lei e disciplinados nos ofícios que lhes eram impostos por uma ideia abstrata de progresso.

Ademais, compreender a construção desse processo despersonalizador do ser humano e entender que ele tem alicerces fincados em uma dominação cujo único objetivo é massificar para melhor administrar – e, para tal empresa, a previsibilidade calculada torna-se a melhor estratégia – não é humana nem politicamente uma justificativa para que alguém se conforme em despir-se do pensamento. Entender-se como “dente de engrenagem” é a reafirmação da reificação, pois admite sua absoluta impotência no que tange à possibilidade de agir por sua própria vontade e escolha. Sem embargo, esse foi o argumento mais utilizado pelos acusados nazistas, o que talvez seja um mecanismo de sobrevivência a fim de conservar os resquícios éticos ainda presentes nesses homens, embasado por um autoengano que visa encontrar um meio de continuar vivendo consigo mesmo, ainda que entendendo, no fundo do espírito, que colaboraram

para a perpetuação de um mal que ceifara milhões de vidas. Não é, contudo, admissível politicamente que os seres humanos conformem-se em se ajoelhar diante de determinações exteriores que os privam de sua capacidade de pensar por si e nos outros – seja sob o manto ideológico da ciência, do capital ou do fascismo –, pois, por fim, “em política, obediência e apoio são a mesma coisa”⁴⁵.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro : Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor. *Educação após Auschwitz*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Disponível em <<http://adorno.planetaclix.pt/tadorno10.htm>>. Acesso em 25/04/2015.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém – Um Relato sobre a Banalidade do Mal*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo : Companhia das Letras, 1999.

_____. *Origens do Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

HORKHEIMER, Max. *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*. In. *Os Pensadores*. 2ª Edição. São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1983.

HORKHEIMER, Max; MARCUSE, Herbert. *Filosofia e Teoria Crítica*. In. *Os Pensadores*. 2ª Edição. São Paulo : Abril S.A. Cultural, 1983.

NOBRE, Marcos (org.). *Curso Livre de Teoria Crítica*. 3ª Edição. Campinas, SP : Papyrus, 2013.

RENSMANN, Lars. Returning from Forced Exile: Some Observations on Theodor W. Adorno’s and Hannah Arendt’s Experience of Postwar Germany and Their Political Theories of Totalitarianism. *Leo BaeckInstitute. Yearbook*. (2004) 49 (1): 171-194 doi:10.1093/leobaeck/49.1.171. Disponível em <<http://leobaeck.oxfordjournals.org/content/49/1/171.extract>>. Acesso em 07/07/2016.

SOUKI, Nádia. *Hannah Arendt e a Banalidade do Mal*. Belo Horizonte : Editora UFMG, 1998.

⁴⁵ARENDT, *Eichmann em Jerusalém*, p. 302